

LAMENTAÇÕES
Uma vida entre ruínas

COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

John L. Mackay



Comentários do Antigo Testamento – Lamentações, de John Mackay © 2018, Editora Cultura Cristã. Título original em inglês *Lamentations* © 2008, John Mackay. Publicação em português autorizada pela Christian Focus Publication Ltd. Geanies House – Fearn, Tain – Ross-Shire. IV20 TWE – Scotland UK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial	Produção Editorial
Antônio Coine	<i>Tradução</i>
Carlos Henrique Machado	Markus Hediger
Cláudio Marra (<i>Presidente</i>)	<i>Revisão</i>
Filipe Fontes	Claudete Água de Melo
Heber Carlos de Campos Jr	Magno Paganelli
Marcos André Marques	Denis Benjamin da Silveira
Misael Batista do Nascimento	<i>Editoração</i>
Tarcízio José de Freitas Carvalho	Felipe Marques
	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

M153c Mackay, John L.

Comentário do Antigo Testamento – Lamentações
John L. Mackay; traduzido por Markus Hediger . _ São Paulo:
Cultura Cristã, 2018

240 p.

ISBN 978-85-7622-691-8

Tradução *Lamentations*

1. Comentários 2. Estudo bíblico 3. Exegese I. Título

CDU 2-277

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Introdução	7
A. O contexto histórico	8
B. Autoria	10
C. A estrutura literária.....	15
D. A mensagem do livro.....	22
E. Aplicação	31
F. Tradução	34
Lamentações 1	39
A. O sofrimento observado (1.1-11)	42
B. O sofrimento sentido (1.12-22).....	65
Lamentações 2	83
A. Sob a nuvem da ira do Senhor (2.1-10).....	85
B. Angustiado pela difícil situação de Jerusalém (2.11-17)	100
C. O apelo de Sião (2.18-22).....	114
Lamentações 3	125
A. A agonia do sofrimento (3.1-24)	127
B. Saindo das trevas (3.25-39)	148
C. Autoexame e queixa (3.40-48)	161
D. Oração baseada em experiências passadas (3.49-66)...	167
Lamentações 4	181
A. O contínuo tormento de Sião (4.1-10).....	183
B. Rejeitado pelo Senhor (4.11-16)	192
C. Inútil é a ajuda do homem (4.17-20)	200
D. O destino de Edom e de Sião (4.21-22).....	205

6	LAMENTAÇÕES	
Lamentações 5		209
A. Pedido por atenção (5.1-18).....		211
B. Restaura-nos! (5.19-22).....		224
Obras citadas.....		233

INTRODUÇÃO

Os cinco capítulos de Lamentações podem ser facilmente ignorados. Além de ser breve, o livro está posicionado entre as duas obras proféticas muito mais extensas de Jeremias e de Ezequiel. Além do mais, trata de realidades das quais nós naturalmente desejamos nos distanciar. Em consequência disso, à parte da afirmação de fé em 3.22-24, os conteúdos desse livro são pouco estudados.

No entanto, Lamentações contém muito para desafiar e também para edificar a fé. Isso vale a despeito do fato de que mesmo uma rápida leitura do livro confirma a adequação do título para essa coleção de poemas, pois eles estão compostos num mundo sombrio de catástrofes, miséria e aparente desesperança. Sua leitura nos compele a avaliar nossa reação a esse tipo de circunstâncias, ainda mais porque a situação descrita não representa um acidente que, por acaso, afetou a cidade de Jerusalém. Pelo contrário: tratava-se da penalidade conscientemente imposta da justiça divina pela conduta pecaminosa. Por isso, em muitos aspectos, esses acontecimentos prenunciam a intervenção final de Deus nas questões humanas e constituem uma advertência solene para cada geração referente ao fim trágico que espera aqueles que teimosamente insistem em desafiar a Deus. “Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho Deus?” (1Pe 4.17).

Porém, o livro não foi escrito em primeiro lugar para servir como advertência para outros, ou como meio para manter viva a memória de um sofrimento e desastre do passado na consciência coletiva da comunidade. Num certo nível, esses poemas são claramente um tributo ao passado no sentido de que relembram tudo o que Jerusalém já foi e servem como lembrete do que foi perdido na terrível tragédia

de um cerco prolongado e seus efeitos. No entanto, o que domina o pensamento de Lamentações é o presente, com sua representação repetida da dor e da aflição de Sião, quando a cidade sofreu as consequências econômicas, sociais e políticas da ocupação e opressão inimiga. Na verdade, os leitores aos quais a obra se dirige são obviamente membros do grupo que no momento passava por sofrimento e necessidade. Porém, em meio à sua aflição, a questão mais importante que a comunidade enfrentava era de natureza religiosa. O antigo padrão de crença e expectativa que eles tinham havia sido destruído. Em retrospectiva, era evidente que a ação do Senhor contra eles fora justificada, mas permanecia uma falta de clareza no que dizia respeito ao lugar em que eles se encontravam naquele momento. Será que Deus finalmente havia rompido seu relacionamento definitivamente com eles? Será que as indignidades, as agonias, a desolação impostas à comunidade em algum momento teriam um fim? Haveria alguma possibilidade de restauração?

Ao longo da estrutura comedida dos seus poemas, o livro de Lamentações procura fazer frente à grande confusão e consternação que afligia Sião e fornecer um quadro de referências que permitisse uma reflexão e, talvez, a reconquista da esperança. A apresentação cuidadosa do poeta e suas palavras ousadas de desafio e consolo permitem também às gerações subsequentes estender o consolo legítimo a muitas situações posteriores de catástrofe, desordem e desespero.

A. O CONTEXTO HISTÓRICO

O livro de Lamentações é escrito no estilo tradicional da poesia hebraica. Ele não menciona nomes e evita referências históricas específicas mesmo quando relata circunstâncias altamente pessoais e revela emoções profundas e íntimas. Assim, para apreciarmos completamente a sua mensagem, temos de identificar seu contexto original, que – evidentemente – o poeta e seus leitores conheciam muito bem. Não há dúvida de que o pano de fundo do livro de Lamentações foi a queda de Jerusalém por ocasião de sua conquista pelo imperador babilônico Nabucodonosor em 586 a.C.¹ Temos relatos históricos des-

¹ Wilhelm Rudolph (*Das Buch Ruth – Das Hohe Lied – Die Klagelieder* [Kommentar zum Alten

ses acontecimentos em 2Reis 24–25 e 2Crônicas 36, como também no livro de Jeremias, mas aqui encontramos os detalhes infiltrados das tragédias pessoais por trás dos resumos generalizados encontrados em outros textos.

Ao longo de sua história nacional, com frequência o povo de Israel deixou de cumprir as exigências do seu relacionamento de aliança com o Senhor. Depois da divisão do reino após a morte de Salomão em 931 a.C., as condições no Reino do Norte declinaram a ponto de chegarem a uma religião sincretista, e após um século de sua existência autônoma, o paganismo de Tiro se tornou dominante sob o reinado de Acabe e Jezabel. Os ministérios proféticos de Elias e Eliseu conseguiram conter o declínio temporariamente, mas depois da morte de Jeroboão II em 753 a.C., houve um aumento acentuado de confusão interna, em decorrência da qual o reino não conseguiu resistir à agressão intensificada e contínua por parte da superpotência mesopotâmica da Assíria. Samaria foi conquistada pelos assírios em 723 a.C. e o Reino do Norte deixou de existir.²

O declínio no sul foi mais lento, também em virtude de vários reis reformadores, que tomaram medidas para estancar e reverter a queda para o paganismo como havia acontecido no norte. Certamente, uma reforma desse tipo se tornou necessária depois do reinado de Manassés (co-regente a partir de 697 a.C.; regente único de 686 a 642 a.C.), pois ele incentivou antigas tradições cananeias como a adoração de Baal e de Aserá e tolerou o culto à fertilidade com sua prostituição sagrada nos recintos do templo (2Rs 21.4-7; Sf 1.4-5). O rei foi ainda além e participou do culto a Moloque com sua prática de sacrifícios humanos – tendo sacrificado seu próprio filho (2Rs 21.6). Embora

Testament 17. Gütersloh: Gerd Mohn, 1962]) argumenta que o primeiro poema foi escrito depois da primeira conquista de Jerusalém pelos babilônicos em 597 a.C. Ele justifica seu argumento com o fato de que o poema não fala da destruição da cidade ou do Templo como o fazem os outros capítulos, mas apenas de sua conquista. No entanto, o primeiro cerco de Jerusalém não foi tão prolongado que pudesse dar origem às descrições em 1.11,19.

²Conquanto muitos enigmas da cronologia bíblica tenham sido resolvidos de modo satisfatório, alguns detalhes ainda são contestados. As datas informadas aqui são as mesmas fornecidas por Leslie McFall, “A translation guide to the chronological data in Kings and Chronicles”, *Biblioteca sacra* 148 (1991): p. 3-45, que aprimorou as datas estabelecidas pela obra seminal de Edwin R. Thiele, *The mysterious numbers of the Hebrew Kings* (edição revisada; Grand Rapids: Zondervan, 1983).

mais tarde ele tenha se arrependido (1Cr 33.12-13), foi incapaz de reverter a tendência de Judá em direção ao paganismo.

Josias (640-609 a.C.), neto de Manassés, tentou em vão impedir que seu povo se desviasse da lealdade ao Senhor. A política oficial ordenou o abandono de cultos pagãos e a renovação da aliança (2Rs 23.1-20). Pelo menos exteriormente, o povo seguia a liderança do rei, mesmo que apenas numa expressão de fervor nacionalista. No entanto, tudo indica que não havia um compromisso verdadeiro com o Senhor e, depois da morte precoce de Josias (2Rs 23.29), as circunstâncias rapidamente se deterioraram em Judá, como testifica amplamente a profecia de Jeremias (p. ex., Jr 7.1-15). Entrementes, a situação internacional ao redor deles também piorou, e Judá se encontrou presa entre as superpotências do Egito e da Babilônia. O domínio babilônico na região foi estabelecido pela sua vitória na batalha de Carquemis em 605 a.C., e Judá caiu na sua esfera de influência. Mas o regime em Jerusalém sob Joaquim (609-598 a.C.) preferia uma aliança com o Egito, pois acreditava que este importaria condições menos opressivas. Sua revolta contra a Babilônia levou à sua conquista por ela em março de 597 a.C., e Joaquim, o jovem rei recentemente entronizado, foi levado cativo após ocupar o trono por apenas alguns meses. Seu tio Zedequias (597-586 a.C.) foi escolhido por Nabucodonosor para reinar em Jerusalém, mas depois de pouco tempo ele também foi induzido a se revoltar contra a Babilônia. Quando Nabucodonosor reconquistou a cidade em 586 a.C., ele ordenou o saque e a destruição da cidade (2Rs 25.8-17). O livro de Lamentações foi escrito no contexto do massacre e da destruição vivenciados na destruição da cidade.

B. AUTORIA

Há duas tradições em relação à autoria de Lamentações. Os massoretas, os escribas eruditos que preservaram o texto tradicional do Antigo Testamento entre os séculos 7º e 11 d.C., usaram a primeira palavra do livro como seu título, *îkâ*, ‘Ah, como!’ (1.1) e o incluíram não entre os Profetas, mas entre os Escritos, a terceira seção do cânon hebraico. Por fim, sua posição nessa ordem foi padronizada nos Rolos (*Megilloth*), que é uma minicolecção de cinco obras mais curtas

LAMENTAÇÕES 1

ESBOÇO

- A. Sofrimento observado (1.1-11)
 - 1. Reversão amarga (1.1-3)
 - 2. Abandonados e afligidos (1.4-6)
 - 3. A agonia de Jerusalém (1.7-9)
 - 4. Despojados e famintos (1.10-11)
- B. Sofrimento sentido (1.12-22)
 - 1. O apelo de Sião por simpatia (1.12-16)
 - 2. Esmagados pela tristeza (1.17)
 - 3. A confissão de Sião (1.18-19)
 - 4. O apelo de Sião pela intervenção divina (1.20-22)

O livro de Lamentações vai direto ao tema com uma apresentação comovente da catástrofe que assolou a cidade de Jerusalém no início do século 6º a.C., quando a cidade foi conquistada pelos babilônios depois de um cerco prolongado. Depois de ter sido saqueada, ter seus principais edifícios incendiados e seus cidadãos líderes deportados, as pessoas que receberam permissão para ficar tiveram que suportar condições duras impostas pelos conquistadores. A dimensão humana da tragédia é ressaltada pela descrição da cidade saqueada não em termos políticos, econômicos ou arquiteturais, mas por meio do recurso da personificação: a cidade é descrita como uma viúva que, tendo perdido sua família e suas posses, é deixada desprovida e desamparada.

A complexidade do retrato da aflição e do desespero de Sião nesse poema demonstra toda a mestria artística do poeta que o escreveu. A apresentação recorre à estrutura de um acróstico alfabético, no qual cada primeira palavra de cada versículo começa com as letras sucessivas do

alfabeto hebraico.¹⁹ Cada versículo é uma estrofe, normalmente de três versos, cada uma das quais apresenta dois colons paralelos (veja, porém, 1.1, 7). Muitos versos apresentam o ritmo desequilibrado de um *qînâ* (três sílabas enfatizadas seguidas por duas num meio-verso mais curto), mas ocorre também a estrutura 3:3 mais equilibrada.

É possível detectar uma estrutura concêntrica geral nas estrofes do poema. Renkema apontou os seguintes elementos cuidadosamente posicionados que se combinam para gerar esse efeito:²⁰

1.1	cheio de (< <i>rab</i>)	1.22	muitos (< <i>rab</i>)
1.2	ninguém consolando [...] inimigos	1.21	ninguém consolando [...] meus inimigos
1.3	angústias	1.20	angústia
1.4	seus sacerdotes	1.19	meus sacerdotes
1.5	o Senhor [...] foram para o cativo	1.18	o Senhor [...] foram para o cativo
1.6	Sião	1.17	Sião
1.7	ninguém para ajudar [...] o adversário	1.16	distante está um consolador [...] o inimigo
1.8	quem a honrou [?]	1.15	meus homens poderosos
1.9	Senhor	1.14	o Senhor
1.10	estendeu	1.13	estendeu
1.11	vê [...] e observa	1.12	observa e vê

Nem todos esses ecos verbais são igualmente convincentes (Renkema reconhece que a correspondência entre 1.8 e 1.15 é particularmente fraca), mas, juntos, esses indicadores reforçam a conclusão de que o poeta organizou seu material de modo concêntrico. Nesse caso, o tema-chave estaria localizado no seu centro (1.11-12), que Renkema chama de “núcleo” e cuja mensagem ele resume como: “Deus, homens! Vede nosso sofrimento”.²¹

¹⁹ Isso é indicado na tradução que se segue pela colocação em cada versículo da letra correspondente do alfabeto hebraico.

²⁰ Renkema, “Literary structure”, p. 296-297.

²¹ Renkema, “Literary structure”, p. 297.

No entanto, esse tipo de análise da estrutura literária precisa ser complementado por outro derivado de considerações temáticas, ou seja, do seu conteúdo (o que é dito), e não só da forma do poema (sua estrutura lexical e poética). Um aspecto central na análise temática de Lamentações é o modo como ocorrem as mudanças de ponto de vista quando oradores diferentes são apresentados. No capítulo 1, isso leva a uma análise bipartida semelhante. Na primeira parte do poema (1.1-11), quem fala é predominantemente o poeta que, agindo como narrador, descreve a cena terrível diante dele, mas há também duas manifestações de Sião em 1.9c e 11c. Na segunda parte do poema, a cidade personificada de Jerusalém fala por si mesma, apesar da rápida mudança de perspectiva em 1.17. Devemos observar, porém, que as duas vozes não falam uma com a outra: o narrador se dirige a um público não identificado; a filha Sião se dirige aos passantes e, mais tarde, a Deus. No entanto, ambos os pontos de vista concordam basicamente. Jerusalém está isolada e sofre com as dificuldades contínuas, e não há ninguém para consolá-la em suas adversidades (1.2,9,16,17,21; cf. 1.7).

Um tom de desolação geral permeia o poema no sentido de que a série de imagens de aflição e desolação na cidade evidencia o abatimento daqueles que sofreram tamanha perda. A mudança na segunda parte do poema da narrativa da terceira para a primeira pessoa fornece um pouco de movimento à apresentação. Conquanto fale empaticamente, o narrador esconde sua reação e seu envolvimento pessoais. Sião, por sua vez, fala abertamente de sua dor e angústia. Isso aumenta o impacto emocional da descrição e incentiva a compaixão do leitor pela experiência da comunidade.

Embora o poema seja dirigido ao Senhor, ele não se manifesta. A cidade não recebe consolo nem de fontes humanas nem de Deus. Ele permanece calado, e é a ausência de qualquer indicação por parte de Deus sobre como ele vê a comunidade nesse momento que lança uma sombra de incerteza sobre todo o poema. A aflição de Sião se agrava com a percepção de ela não saber se é possível reestabelecer o contato com o Deus que impôs seu juízo a ela. O que acontecerá em seguida? Há como sair do seu sofrimento? Nenhuma resposta é fornecida.

Por que, então, esse poema foi escrito? Uma possibilidade é que sua intenção era catártica, uma tentativa de verbalizar a angústia dos habitantes remanescentes em Jerusalém, a fim de dar vazão à sua aflição e, assim, talvez amenizá-la. No entanto, a estrutura cuidadosa do poema nos proíbe de lê-lo simplesmente como extravasamento de tristeza. O poeta está tentando afastar a comunidade da prostração e do desespero total. Sua apresentação inicial mostra que ele não se rendeu a um otimismo cego. Não está negando o terror e as dificuldades experimentados na cidade, mas a realidade na qual os habitantes se encontram não precisa ser o fim, mas pode ser um começo. Apesar de não tentar aliviar a depressão que domina a cidade, o poeta vê o simples fato de ainda haver algum tipo de vida em meio às ruínas como a antecipação de alguma esperança que será claramente expressada mais adiante (3.22). Por mais solene que seja o tom desse poema, não é ainda o obituário de Sião.

A. O SOFRIMENTO OBSERVADO (1.1-11)

(1) Reversão amarga (1.1-3)

- ⌘ 1.1 Ah, como está sentada sozinha!
A cidade [que era] cheia de pessoas
Tornou-se como uma viúva.
Ela [que era] grande entre as nações,
uma princesa entre as províncias,
tornou-se uma escrava.

A estrutura do primeiro versículo não se revela de imediato. O padrão dominante no restante do poema é o de um versículo/estrofe que consiste de três versos (bicólon). Isso fornece uma justificativa substancial para adotar uma configuração semelhante aqui, e a maioria das traduções para a nossa língua apresenta uma estrofe que consiste de três situações contrastantes. No entanto, os massoretas, os escribas do primeiro milênio d.C., por meio dos quais o texto hebraico foi transmitido, marcaram o versículo na forma de dois tricólons (versos de três segmentos). Conquanto a atividade dos massoretas date de muito

mais tarde do que da data de redação do livro de Lamentações, a visão deles não deve ser levianamente refutada, pois faziam parte da mesma tradição poética e cultural que o autor de Lamentações, e não eram inovadores, mas conservadores conscientes da interpretação tradicional das passagens. Evidentemente, eles não consideraram essa divergência do padrão binário prevalecente uma grave violação da etiqueta poética; na verdade, podem ter visto isso como adorno. De acordo com essa abordagem, a inversão da sorte da cidade anônima é descrita de duas maneiras. O primeiro verso enfatiza a mudança no tamanho da população; o segundo, a mudança na sua posição política.

Para as introduções interpretativas ao versículo apresentadas pela Septuaginta e pela Vulgata, veja *Introdução: B. Autoria*. É improvável que esses comentários adicionais tenham sido parte do texto original, pois é difícil explicar como e por que eles seriam omitidos subsequentemente.

A palavra traduzida aqui como *Ah, como!* é uma expressão de choque, de incredulidade por trás da qual se esconde uma pergunta: como isso pôde acontecer? Essa palavra costuma introduzir uma elegia, um poema fúnebre escrito como homenagem aos mortos (cf. 2.1; 4.1; 2Sm 1.19; Is 1.21, uma passagem muito parecida; Jr 48.17). A apresentação é, portanto, caracterizada pela tristeza, não por crítica ou acusação. A situação em vista aqui não é a da morte da cidade, mas a da perda avassaladora que a cidade sofreu. É típico dos poemas de Lamentações que eles se concentram mais em Jerusalém do que na terra de Judá como um todo. Nesse ponto, porém, o poeta ainda não revelou a identidade da cidade.

Está sentada / “sentar-se e então permanecer sentada”²² no chão era uma postura estática muito usada por pessoas em luto (cf. 2.10; 3.16; Gn 23.2; 2Sm 12.16; 13.31; Ez 26.16; Et 4.3), mas nesse caso, mais está implicado no sentido de que *sozinha* alude à expressão “ele permanecerá/habitará sozinho”, usada em Levítico 13.46 para o leproso. A cidade é apresentada como banida da comunidade das nações. É uma cena de passividade e abatimento, pois ela permanece no chão, no mesmo

²² Para mais detalhes sobre a tradução do verbo traduzido como “está sentada”, no perfeito, veja *Introdução: F. Tradução*.

lugar em que sofreu seu colapso. É possível que haja também um toque de contraste irônico no sentido de que “sozinha” pode também ser usado para sugerir segurança (cf. Dt 33.28; Jr 49.31). Jerusalém já não desfruta mais da imunidade contra agressão, mas se encontra desolada e isolada.

O fato de a comunidade em aflição ser retratada como mulher sugere um vínculo entre as reações da comunidade e as reações das pessoas ao sofrimento. A personificação não é apenas um capricho poético, mas um recurso que vincula a experiência da comunidade com o sofrimento de cada pessoa em sofrimento dentro dela. Além disso, a personificação da cidade como mãe destaca o relacionamento entre ela e seus habitantes. É uma metrópole, uma cidade mãe (cf. “suas jovens mulheres”, 1.4; “seus filhos pequenos”, 1.5; “seu povo”, 1.7). Esse tipo de personificação de uma cidade como mulher era comum em todo o Oriente Próximo.

Conquanto seja possível entender a expressão *cheia de pessoas*/ “grande (< *rab*, “muitos”; cf. 1.22) com pessoas” como algo que signifique “uma superior entre seu próprio povo”, ou seja, uma capital eminente,²³ muito fala em favor da interpretação tradicional que vê o contraste entre o isolamento presente da cidade e seu estado anterior de estar cheia de gente. Na verdade, ela *se tornou como uma viúva*. Essa comparação contém três implicações que resultam da metáfora da cidade como uma mulher.²⁴ Mesmo que “viúva” não signifique necessariamente a ausência de família, normalmente é o que se associa à imagem. Assim, essa metáfora aponta para a solidão e sofrimento de alguém que perdeu seu marido. Isso indica também a vulnerabilidade de uma viúva que não possui mais seu protetor legal e agora vive de maneira precária, entregue à exploração pelos homens irrefletidos e sem escrúpulos (cf. Sl 94.6; Ml 3.5). Além disso, a imagem de uma viúva evoca a reação de piedade, diferentemente da linguagem do divórcio, em que a acusação subjacente da infidelidade leva à atribuição de culpa (cf. Os 2.2).

²³ Cf. Th. F. McDaniel, “Philological studies in Lamentations”, *Biblica* 49 (1968): p. 29-31.

²⁴ Para mais detalhes sobre o uso dessa metáfora em relação a cidades, veja Chayim Cohen, ‘The widowed city’, *Journal of the Ancient Near Eastern Society of Columbia University* 5 (1973): p. 75-81.

É difícil decidir até que ponto devemos “forçar” a metáfora “como uma viúva”. A ideia pode ser de natureza geral: a cidade em ruínas está sem defesa, e a população que precisaria reconstruí-la e efetuar sua recuperação já não existe mais. Mas é possível pelo menos fazer a pergunta: se a cidade é comparada com uma viúva, quem poderia ter sido seu marido? Pode-se defender uma analogia em termos de uma referência ao rei e aos líderes da comunidade como seu marido, e eles estavam, é claro, mortos, presos ou em fuga (cf. 1.6). Mas o uso que Oseias e, mais tarde, Jeremias fazem da ruína do casamento como analogia para a deterioração do relacionamento entre o Senhor e seu povo (cf. Jr 3.8; Os 2.2) torna provável que nesse caso (e mais adiante no poema inteiro) seja seu relacionamento com o Senhor que o poeta submete a seu questionamento e que leve ela mesma a questionar sua posição e sua condição atual. Daí a comparação “como uma viúva”. O Senhor não está morto, mas o resultado em nada se distingue do que aconteceria se ele realmente estivesse morto, pois a cidade não desfruta mais dos benefícios de um relacionamento protetor e atencioso com ele. Esse tom de incerteza em relação à posição atual da cidade diante de Deus é recorrente em todo o livro até seu último versículo (5.21).

O segundo verso de 1.1 emprega dois epítetos para Jerusalém, que apresentam uma estrutura parecida. Antigamente, a cidade havia desfrutado da posição de *grande entre as nações*, uma expressão que, no hebraico, pode muito bem equivaler a um superlativo. Isso pode ser um olhar de volta aos dias de Davi e Salomão, ou para o ressurgimento dos reinos de Israel e Judá sob os reinados de Jeroboão II e Uzias. Pode até ser uma referência à independência que Judá desfrutou no século anterior à sua queda, quando as nações vizinhas reconheciam que Judá exercia um papel central nas questões da região (por exemplo, foi em Jerusalém que os embaixadores de outras nações se reuniram para a conferência relatada em Jr 27). Como capital do reino, Jerusalém desfrutava de prestígio e do respeito das nações vizinhas menores.

A palavra *princesa* transmite a ideia de exercer autoridade e, portanto, as *províncias* não se referem às regiões dominadas pelos impérios assírio e babilônico, mas a regiões de Judá controladas pela capital. Havia também outros territórios que haviam sido dominados

por Jerusalém por períodos mais longos ou mais curtos e, quando a cidade funcionava como centro administrativo, enviavam riquezas e recursos naturais para a capital.

Mas tudo isso havia acabado. A sorte de Jerusalém se inverteu e a cidade é agora uma *escrava*. A capital, assim como qualquer outro território conquistado, é obrigada a pagar tributos e a fornecer trabalho forçado aos conquistadores. A cidade perdeu sua posição real e tornou-se escrava.

- ▢ 1.2 Amargamente ela chora à noite
e sua lágrima [está] na sua face.
Ela tem ninguém para consol[á-la]
entre todos os seus amantes.
Todos os seus amigos lidaram traiçoeiramente com ela;
eles se tornaram seus inimigos.

A apresentação de Jerusalém deixa de ser uma visão distante de uma figura deprimida sentada no chão, e agora podemos ver o quão deplorável ela está, pois seu rosto está molhado de lágrimas de desamparo. À *noite* sugere que sua aflição é tão intensa que a luz do dia não basta para expressá-lo, e o tempo normalmente reservado para o sono e para a recuperação agora também deve ser usado para o lamento.

O verso do meio do versículo demonstra que a intensidade da angústia de Sião é aumentada pela ausência de compaixão. Esse tema recorre ao longo de todo o poema: a ausência de alguém que traga consolo (cf. 1.9,16,17,21; observe também a expressão em 1.7). “Consolo” é estendido a outros em tempos de tristeza e privação. É um ato de compaixão em que palavras e, por vezes, a presença expressa encorajamento em circunstâncias difíceis (cf. Jó 2.11). O narrador e a própria Sião concordam que a ausência de palavras de consolo fazia com que o sofrimento de Sião aumentasse. Conquanto normalmente consolo não seja oferecido por estrangeiros, a situação aqui é outra no sentido de que o poema menciona *todos os seus amantes* (cf. Jr 4.30; 30.14). Não está claro se isso é uma referência política às nações que